

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.:

Data: *03.09.80*

Pg.:

Novo ataque dos índios deixa 16 mortos no Pará

Da sucursal de
 BRASÍLIA

Os índios caiapós — do grupo gorotire — que vivem na região situada entre Conceição do Araguaia e Marabá, no Pará, mataram, na tarde de segunda-feira, pelo menos 16 pessoas, entre elas quatro crianças, na sede de uma das fazendas situadas próximo à área indígena. Estes índios são parentes dos txucarramães, do Parque Nacional do Xingu, que há menos de um mês mataram 11 peões que desmatavam uma área situada dentro dos antigos limites do parque indígena.

A Funai recebeu a notícia do ataque, ontem, pela manhã, por meio de um amigo de Joaquim Menezes, proprietário da fazenda, que vive em Conceição do Araguaia. No contato que mantiveram com este amigo, Francisco Ferreira, os assessores da Funai souberam que ele esteve na sede da fazenda ontem, pela manhã, deparando-se com um "quadro dramático", conforme suas próprias palavras. O genro de Joaquim Menezes e suas duas netas pequenas estavam mortos no pátio externo da casa, e no interior, mais duas crianças, o capataz Jones, uma senhora e um rapaz. Próximo aos corpos foram encontrados as bordunas utilizadas pelos índios.

Tão logo confirmou-se a notícia, deslocaram-se para a área o delegado regional da Funai em Belém, Paulo Cesar da Silva Abreu, dirigentes do Departamento Geral de Operações da Funai, em Brasília, e da Divisão de Segurança e Informações, além de agentes da Polícia Federal.

A fazenda atacada é a Flor do Pará, mas teme-se que os indígenas possam ter atacado, também, outras fazendas da região, pois, segundo as notícias chegadas a Brasília, "os índios estariam pintados de preto e ainda percorrendo outras propriedades."

A fazenda Flor do Pará, segundo a Funai, não está totalmente encravada na área indígena. A sua sede, por exemplo, fica fora da área delimitada para os gorotires, mas parte da fazenda realmente atingiria a terra dos índios. A Funai disse, ainda, que a população branca da região já foi alertada sobre a inconveniência de permanecer no local.

Nesta área, de um milhão de hectares, existem outras fazendas, ligadas aos grupos Bradesco e Atlântida-Boa Vista e, ao Sul, o

projeto de colonização de Andrade Gutierrez que também atingiu, com desmatamentos, a área dos índios gorotire. O presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga visitou a área no dia 25 de julho passado e, na ocasião, os índios já reclamavam da presença de fazendas e garimpeiros em suas terras.

Em Brasília corre, ainda, a versão de que os índios gorotires, ao tomarem conhecimento do ataque feito pelos txucarramães, que são seus parentes próximos, teriam resolvido seguir o exemplo dos índios do Xingu.

PROBLEMA ANTIGO

Em julho passado, quando o coronel Nobre da Veiga esteve no PI-Gorotire, numa viagem de inspeção, uma semana antes de sua chegada, os caiapós haviam expulsado 300 garimpeiros da área, ficando inclusive com suas batéas. Essa expulsão, bem como a de agricultores que invadiam a área indígena, em meados do mesmo mês, foi pacífica, segundo depoimentos de índios e do chefe do PI, Benigno Pessoa.

Mas os caiapós se mostravam, na época, preocupados com a unidade de suas terras, pelas constantes invasões e a morosidade para a demarcação por parte da Funai. Desde a presidência de Jânio Quadros, estes índios esperam uma decisão sobre suas terras. Além dos pequenos invasores, os caiapós tem a ameaça dos três grandes grupos — Bradesco-Itaú, Andrade Gutierrez e Atlântica Boa Vista — com seus projetos agropecuários.

O órgão tutelar chegou a abrir concorrência para a demarcação das terras caiapós, e a firma paulista Pratat, a vencedora, falhou, mal começara o trabalho, deixando mais de Cr\$ 1 milhão em dívidas nas cidades vizinhas, em nome da Funai.

Os caiapós estavam satisfeitos com a visita do coronel, em julho, e ficaram desapontados com a sua curta permanência na aldeia (um dia), pois haviam programado inclusive uma festa. Mas, quando se falava em garimpeiros e invasores, demonstravam grande contrariedade e, os mais velhos afirmavam que "não era nada bom. Um vem sozinho, depois outro traz a mulher, faz casa e caiapó perde a terra".

Os caiapós — 520 índios — são pouco aculturados e conservam suas tradições. Poucos falam o português.

Estes índios são considerados verdadeiros artistas, pelas pinturas que executam no próprio corpo, com o urucum e o jenipapo. Os homens mais velhos transitam pela aldeia de calção e as mulheres com vestidos antigos. Mas as crianças ainda pequenas têm seus cabelos cortados à maneira caiapó: é feito um triângulo, do centro da cabeça, até as fronteiras, onde o cabelo é raspado. As crianças têm, também, o corpo pintado e usam longos colares de miçangas azuis e vermelhas.

Qualquer mãe branca se sentiria amedrontada vendo crianças brincarem — como brincam seus filhos com carrinhos ou bonecas — com machados, facas, facões e enxadões. Mas este é um dos segredos para se formar guerreiros, pois as crianças caiapós tem trânsito livre com as "armas", e, quando chegam nos primeiros anos da adolescência, são mestres em armas. Esta educação faz parte da tradição guerreira dos caiapós.

ÍNDIO OUVIDO

O índio Cuiuci, do Parque do Xingu, que presenciou o massacre dos 11 peões, em agosto último, foi chamado a depor, anteontem, na Polícia Federal, em Brasília. Cuiuci afirmou que os policiais insistiram no fato de que ele — que é funcionário da Funai — também teria participado da matança, fato negado pelo índio.

De acordo com a sua versão, os índios foram aconselhados pelo cacique Raoni, que estava no posto Diarum "a bater de leve" nos trabalhadores e recolher suas ferramentas de trabalho. Cuiuci não sabe explicar porque os índios, depois de terem batido apenas para machucar os peões decidiram matá-los. "Estavam todos muito nervosos", disse o índio.

As vítimas

Segundo o advogado Luís Tavares, proprietário da fazenda Macedônia, a 12 km da fazenda Espadilha, onde os índios atacaram, as vítimas são: o gerente Jonas, sua mulher e três filhos (um rapaz e duas meninas); José Divino, empregado na fazenda, sua mulher e duas filhas (uma de cinco e outra de seis anos); Carlos, outro empregado, sua mulher e três filhas (entre 3 a 6 anos), mais o empregado Valdemar e os peões Nenenzão e Otacilio e outros quatro peões, tidos como desaparecidos. Nesse caso, contrariando as informações iniciais, o número de vítimas seria de 21.